



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

### Atenções da semana se voltam para a Ata da última reunião do Copom e Relatório de Política Monetária

O Banco Central divulga nesta semana a Ata da última reunião do Copom e o Relatório de Política Monetária do 4T25, que ajudarão os agentes a calibrarem suas expectativas para o início do ciclo de redução da taxa Selic. Como amplamente esperado, o Copom manteve a taxa Selic em 15,0% a.a. na reunião da semana passada, mas trouxe poucos ajustes em seu comunicado, sugerindo como pouco provável uma queda dos juros em sua próxima reunião, que ocorre em janeiro (dias 27 e 28). A principal alteração veio da projeção de inflação do BC, que caminha para o redor da meta em horizontes mais longos (2027), justamente o foco da política monetária. Assim, os documentos, que serão conhecidos na terça (16) e quinta (18), podem trazer ajustes adicionais na comunicação, sinalizando de forma mais explícita o que o Comitê espera observar no cenário para começar a cortar os juros, e assim, ajudar os agentes a entender se é possível que isto ainda ocorra já em janeiro.

No campo da atividade, o Banco Central divulgou hoje o resultado do índice IBC-Br de atividade econômica, que caiu 0,2% em outubro. O resultado veio abaixo das expectativas (+0,1%) e refletiu o recuo do setor industrial (-0,7%) e dos serviços (-0,2%). Com isso, o indicador acumula queda de 2,0% entre maio e outubro. Nesta terça (16), a FGV divulga o resultado do Monitor do PIB referente a outubro. No geral, os indicadores devem manter os sinais de continuidade do processo de desaceleração econômica neste 4º trimestre, com possibilidade de o PIB mostrar uma ligeira retração no período.

A semana também traz os números do setor externo de novembro, que deve seguir com déficit elevado. O resultado será conhecido na sexta-feira (19), com projeção do consenso de um déficit em transações correntes de US\$ 5,0 bi, novamente superior ao observado no mesmo período do ano anterior (US\$ 4,4 bi), devido ao menor superávit da balança comercial. No acumulado em 12 meses, o déficit externo deve voltar a crescer e atingir US\$ 77,3 bi (3,4% do PIB), embora ainda próximo da entrada de investimento estrangeiro direto no país.

No cenário internacional, os agentes estarão atentos a divulgação do payroll e do CPI de novembro nos EUA, após o atraso e cancelamento da divulgação de outubro. O número do mercado de trabalho de novembro sai nesta terça (16), com o consenso de mercado estimando a criação de apenas 50 mil vagas no mês, abaixo do dado do mês de setembro (119 mil), o que reforçaria a ideia de arrefecimento do mercado de trabalho. Já a taxa de desemprego, deve registrar uma leve alta para 4,5% (ante 4,4%).

A inflação ao consumidor (CPI), por sua vez, deve acelerar para 3,1% no acumulado em 12 meses. O Bureau of Labor Statistics (BLS) divulga o resultado nesta quinta (18) e alertou que, como a coleta de outubro foi impactada pelo shutdown, não deve divulgar o dado atrasado. Assim, não deve ser possível calcular o resultado mensal da inflação no mês, ficando a análise restrita a variação anual, que deve acumular alta de 3,1% (ante 3,0% em setembro, último dado disponível).

Na Zona do Euro, destaque para a reunião de política monetária do BCE, a última do ano, que deve manter os juros inalterados pela 4ª reunião consecutiva. A decisão será divulgada na quinta (18) e a expectativa do mercado é de manutenção dos juros em 2,0% aa (taxa de depósitos). A decisão do BCE tem como pano de fundo uma economia com inflação próxima à meta (de 2,0%) e uma atividade sem grande ímpeto, especialmente o importante setor industrial alemão, que tem sofrido com a concorrência chinesa.

Por fim, na China, foram divulgados ontem (14) à noite dados de atividade do mês de novembro, que seguiram mostrando um descompasso entre a oferta e a demanda interna. A produção industrial subiu 4,8% (ante nov/24), em linha com o dado do mês anterior (+4,9%), enquanto as vendas no varejo avançaram apenas 1,3%, menor taxa de crescimento desde dezembro de 2022. Portanto, o crescimento do país segue impulsionado pelo setor industrial, dependente do avanço das exportações.



## INDICADORES DA SEMANA

### NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
15/dez	BCB: Índice IBC-Br de Atividade Econômica	Out/25	0,1% m/m 0,7% a/a	-0,2% m/m 2,0% a/a
15/dez	FGV: IGP-10	Dez/25	0,04% m/m -0,76% a/a	0,18% m/m 0,34% a/a
16/dez	BCB: Ata da última reunião do Copom	-	-	-
16/dez	FGV: Monitor do PIB	Out/25	-	0,0% m/m 2,2% a/a
18/dez	BCB: Reunião do CMN	-	-	-
18/dez	BCB: Relatório de Política Monetária (RPM)	4º tri/25	-	-
19/dez	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Nov/25	US\$ 5,0 bi	US\$ 5,1 bi

Fonte: Bloomberg.

### INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
14/dez	China	Produção Industrial	Nov/25	5,0% a/a	4,9% a/a
14/dez	China	Vendas no Varejo	Nov/25	2,9% a/a	2,9% a/a
15/dez	Zona do Euro	Produção Industrial	Out/25	0,8% m/m	0,2% m/m
16/dez	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Dez/25 – prévia	49,9 pts / 53,3 pts	49,6 pts / 53,6 pts
16/dez	EUA	Dados do Mercado de Trabalho Geração de Vagas/ Taxa de desemprego	Nov/25	50 mil / 4,5%	119 mil* / 4,4%*
16/dez	EUA	Vendas no Varejo	Out/25	0,1% m/m	0,2% m/m
16/dez	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Dez/25 – prévia	52,0 pts / 54,0 pts	52,2 pts / 54,1 pts
17/dez	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Nov/25 – final	-0,3% m/m 2,2% a/a	0,2% m/m 2,1% a/a
18/dez	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Nov/25	% m/m 3,1% a/a	0,3% m/m 3,0% a/a
18/dez	Zona do Euro	BCE: Reunião de Política Monetária	-	2,00% aa; 2,15% aa; 2,40% aa	2,00% aa; 2,15% aa; 2,40% aa
19/dez	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Dez/25 – prévia	-14,0 pts	-14,2 pts
19/dez	EUA	Vendas de casas existentes	Nov/25	1,2% m/m	1,2% m/m
19/dez	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Dez/25	53,5 pts	51,0 pts

Fonte: Bloomberg. \*Dados de setembro/25.

## ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

## INDICADORES ECONÔMICOS

### Copom faz ajustes mínimos em comunicado, reduzindo apostas de queda da Selic em janeiro

O Copom, Comitê de Política Monetária do Banco Central, manteve a taxa Selic em 15,0% a.a. na reunião dos dias 9 e 10 de dezembro, como amplamente esperado. O comunicado trouxe poucas alterações em relação ao encontro anterior e reforçou uma postura relativamente conservadora, frustrando parte do mercado que esperava uma sinalização mais clara sobre a possibilidade de redução dos juros já em sua próxima reunião (27 e 28 de janeiro).

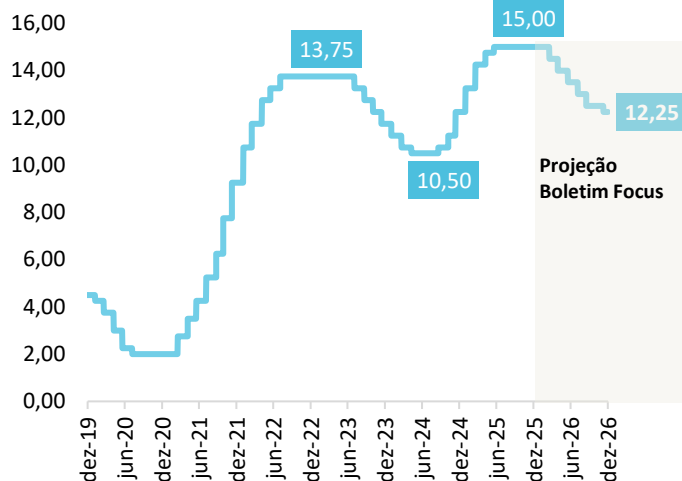
Em relação ao cenário econômico, o Copom manteve a avaliação de que a atividade segue em trajetória de moderação do crescimento, como observado na última divulgação do PIB. Quanto ao mercado de trabalho, considerou-o resiliente, em contraste com a visão de dinâmico da última reunião. Ou seja, embora tenha feito alguma suavização em sua avaliação, não reconheceu que há um processo de acomodação na geração de vagas. Sobre a inflação, o Comitê reiterou que tanto a inflação cheia quanto as medidas subjacentes continuam arrefecendo, embora ainda acima da meta.

A principal mudança no comunicado veio das projeções de inflação, que melhoraram em todo o horizonte. Para 2025, a estimativa caiu de 4,6% para 4,4%; para 2026, de 3,6% para 3,5%; e, principalmente, para o 2º trimestre de 2027, atual horizonte relevante da política monetária, que passou de 3,3% para 3,2%. A partir da reunião de janeiro, o horizonte migrará para o 3T27 (6 trimestres à frente) e provavelmente a projeção deve estar em 3,1%, muito próxima da meta. Este dado será conhecido no Relatório de Política Monetária (RPM) que será divulgado nesta semana. Este é o principal fator que ainda mantém alguma possibilidade de o Copom iniciar o ciclo de flexibilização monetária em janeiro.

No mais, o teor do comunicado se manteve. O documentou seguiu apontando que o cenário é marcado por “expectativas desancoradas, projeções de inflação elevadas, resiliência na atividade econômica e pressões no mercado de trabalho.” Neste contexto, “exige-se uma política monetária em patamar significativamente contracionista por período bastante prolongado.” Ademais, apontou que a estratégia, em curso, de manutenção da taxa Selic por “período bastante prolongado” é adequada para assegurar a convergência da inflação para a meta.

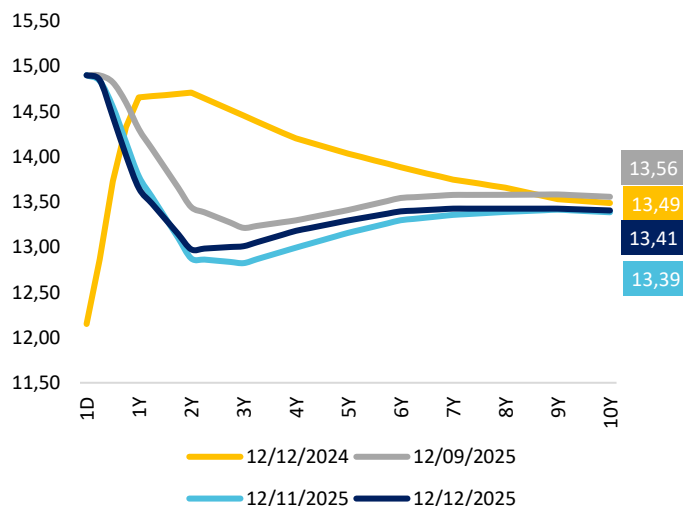
Portanto, o Copom fez ajustes bastante sutis em seu comunicado, não trazendo sinais mais contundentes de que pretende reduzir a taxa Selic na reunião de janeiro.

Quadro 1: Taxa Selic - % ao ano



Fonte: BCB

Quadro 2: Curva de Juros - % ao ano



Fonte: Bloomberg

Isto não significa que não possa ocorrer, mas para isto, aparentemente, o Comitê precisa de avanços mais significativos no cenário (continuidade do processo de desinflação e reancoragem das expectativas). Assim, o cenário-base é que a taxa Selic comece a cair apenas a partir de março. Como exemplo, a ferramenta de opções de Copom da B3 precifica atualmente em 58% a probabilidade de manutenção da Selic na reunião de janeiro. De toda forma, o BCB divulga nesta semana a Ata da reunião do Copom e o RPM do 4T25 que podem trazer ajustes no comunicado da autoridade monetária.

**Em relação à inflação, o IPCA subiu 0,18% em novembro, em linha com o esperado pelo mercado. Apesar de algumas altas pontuais, a leitura manteve o processo de desinflação da economia, com sinais benignos em diversas aberturas. Em 12 meses, a inflação voltou a ficar abaixo do teto da meta (4,50%), desacelerando de 4,68% para 4,46%.**

O dado de novembro foi marcado por altas pontuais, refletindo a ocorrência de grandes eventos no período, como a COP 30 e shows musicais. As passagens aéreas subiram 11,90% no mês, enquanto o subitem hospedagem (+4,09%) registrou sua maior variação mensal da série (desde jan/20). A alta foi mais intensa na cidade de Belém, sede da COP 30, que subiu incríveis 178,93% no período. Além da hospedagem, itens como pacote turístico (+3,86%), cinema, teatro e concertos (0,80%), entre outros, levaram o grupo de despesas pessoais a subir 0,77% no mês, maior alta de novembro.

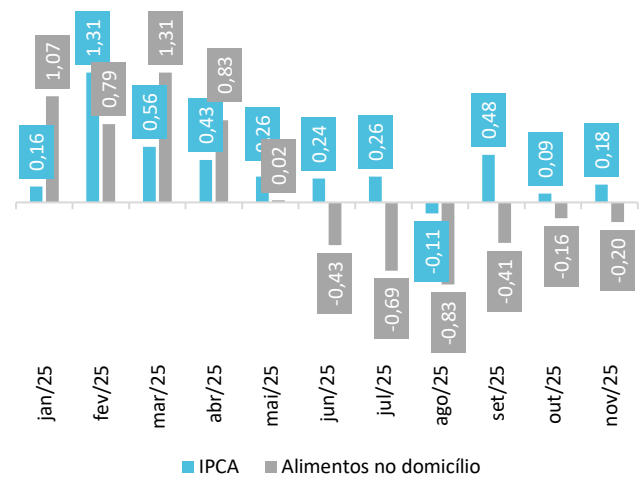
Outros impactos relevantes para a alta do indicador no mês vieram da da energia elétrica residencial (+1,27%), refletindo reajustes de tarifas em diversas capitais; e, dos alimentos fora do domicílio (+0,48%).

Por outro lado, os preços da alimentação no domicílio (-0,20%) registraram queda pelo sexto mês seguido, com destaque para a deflação dos leite/derivados (-2,27%) e cereais (-2,22%). Outras quedas relevantes ocorreram nos eletrodomésticos (-2,44%), em função das promoções da *Black Friday*, e nos combustíveis (-0,32%)

As principais medidas de núcleos do IPCA seguiram acomodando no acumulado em 12 meses. A média dos núcleos atingiu 4,72% (ante 4,89%), enquanto a inflação dos alimentos no domicílio atingiu 2,46%, ante 2,52% no fim do ano passado. Os bens industriais recuaram para 2,52%, contra 3,00% em out/25, refletindo a apreciação cambial e a *Black Friday*. Já a inflação dos serviços (subjacentes) segue elevada, em 5,99%, mas desacelerando após o pico de 6,76% de setembro e abaixo de 6,0% pela 1ª vez desde jan/25.

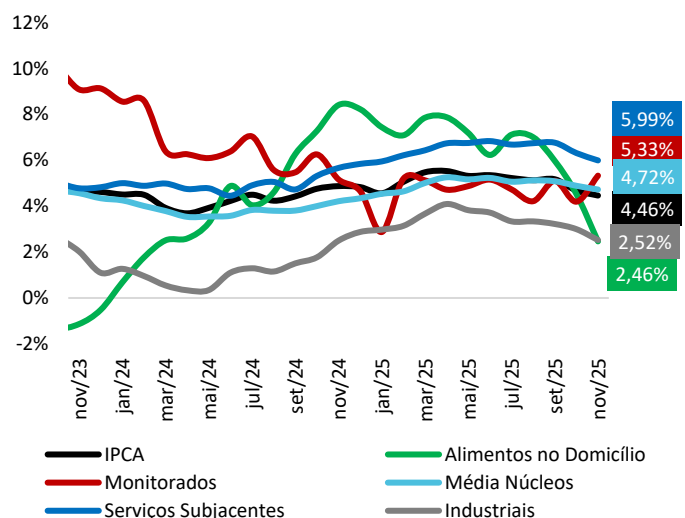
Assim, a leitura do IPCA manteve a trajetória de moderação da inflação e, ao que tudo indica, deve fechar 2025 dentro do intervalo da meta.

**Quadro 3: IPCA e Alimentação no Domicílio**  
Var.% mensal



Fonte: IBGE

**Quadro 4: IPCA e Aberturas**  
Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE

Já os indicadores de atividade trouxeram números relativamente positivos em outubro, indicando um começo de 4T25 um pouco melhor do que o esperado, embora não o suficiente para alterar a trajetória de desaceleração da economia.

As vendas no varejo (ampliado) cresceram 1,1% em outubro, bem acima do esperado (+0,1%) e a quarta alta consecutiva. O crescimento do mês foi disseminado, com alta em 9 das 11 atividades pesquisadas. Os maiores avanços foram observados nas vendas de materiais de escritório (+3,2%) e veículos e partes (+3,0%). As vendas nos supermercados, de elevado peso no setor, ficaram praticamente estáveis (+0,1%) no mês.

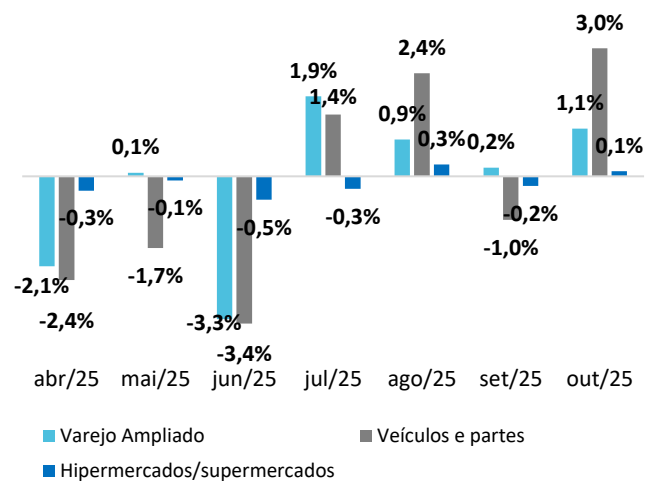
O resultado deixou um carregamento estatístico de alta de 1,5% para o varejo no 4º trimestre, sugerindo alguma retomada do setor após números fracos no 2T25 (-2,1%) e 3T25 (+0,2%). O aumento das vendas de veículos ajuda a explicar parte deste maior dinamismo. Após cair 4,8% e 0,2% nos 2º e 3º trimestre, o segmento apresenta um *carry over* de 3,1% para este trimestre, beneficiado pelo Programa Carro Sustentável, vigente desde meados de julho e que concede isenção de IPI para veículos compactos e de baixa emissão de CO2.

De toda forma, no acumulado do ano (jan-out), as vendas no varejo registram queda de 0,3% ante o mesmo período de 2024, com os piores desempenhos nos atacarejos (-3,9%) e nas vendas de veículos (-3,0%), que, apesar da melhora recente, seguem com volume inferior ao observado no ano passado.

O setor de serviços, por sua vez, cresceu 0,3% em outubro, em linha com o esperado, engatando a nona alta seguida. De forma similar ao varejo, a expansão do mês também foi disseminada no setor, com alta em todas as 5 atividades pesquisadas. Destaque para a atividade de transportes (+1,0%), liderada pelo transporte aéreo (+4,3%). Os serviços prestados às famílias subiram apenas 0,1% no mês, não devolvendo a queda de 0,5% do mês anterior.

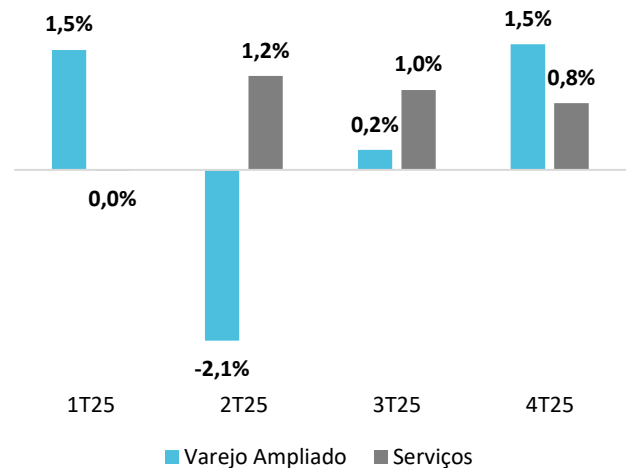
O resultado deixou um carregamento estatístico de 0,8% para o 4º trimestre, sugerindo nova expansão do setor, mas de menor magnitude do que nos trimestres anteriores: 1,2% e 1,0%, nessa ordem. No acumulado em 12 meses, o setor de serviços registra crescimento de 2,8%, desacelerando de forma apenas gradual em relação a 2024 (+3,2%). De um lado, os serviços de informação e comunicação (5,5% ante 6,2%) seguem com crescimento expressivo, refletindo as transformações observadas na área da computação (IA, nuvem, etc..), enquanto os serviços prestados às famílias (1,6% ante 4,5%) mostram desaceleração mais acentuada, em função do peso da política monetária restritiva sobre o consumo.

**Quadro 5: Vendas de Veículos, em Supermercados e no Varejo Ampliado – Var.% mensal**



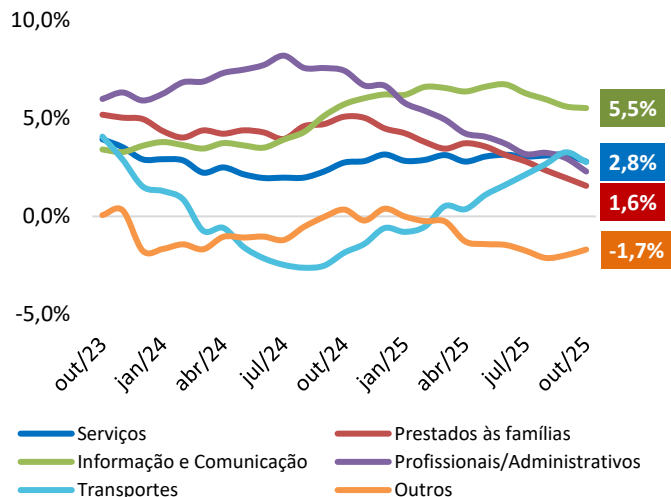
Fonte: IBGE

**Quadro 6: Varejo Ampliado e Serviços Var.% Trimestral\***



Fonte: IBGE. \*Carregamento estatístico para o 4T25

**Quadro 7: Setor de Serviços e Aberturas Var.% Acum. em 12 meses**



Fonte: IBGE

## Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

### Fed volta a cortar juros em decisão dividida

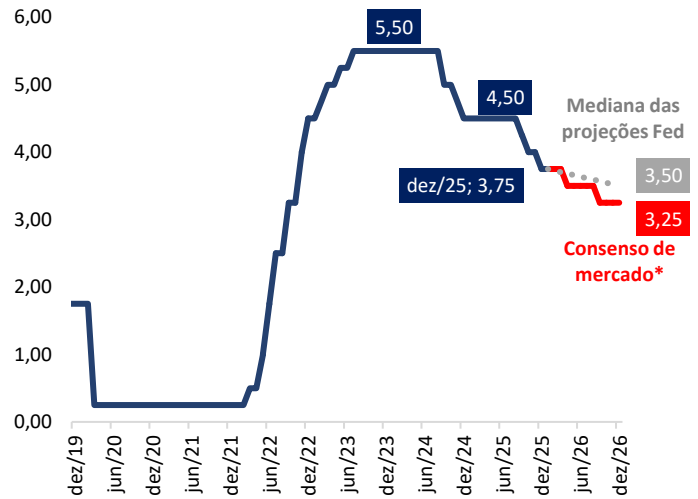
A semana passada foi marcada pela última reunião do Fed no ano, que trouxe o corte de juros esperado de 0,25 pp e um Colegiado bastante dividido. Quanto aos ativos de risco, destaque para a correção nas ações das empresas de tecnologia após o recente rally, refletindo a maior preocupação com os investimentos em IA. O mercado reagiu negativamente ao adiamento da entrega de *data centers* nos próximos anos pela Oracle, aumentando os temores de uma possível bolha nos preços das ações do setor. Assim, após os índices Dow Jones e S&P500 renovarem suas máximas históricas, encerraram a semana em baixa.

O Fed cortou os juros em 0,25 pp pela 3ª reunião seguida, levando os *Fed Funds* para o intervalo entre 3,50% e 3,75% aa. A decisão foi dividida e contou com 3 dissidentes, algo que não ocorria desde 2019. Houve divergência em ambos os lados do espectro. De um lado, o Comitê contou com dois votos (Austan Goolsbee e Jeff Schmid) pela manutenção dos juros, com membros ainda preocupados com a inflação; de outro, Stephen Miran, indicado por Trump, votou novamente por um corte de 0,50 pp, em função das preocupações com o enfraquecimento do mercado de trabalho.

O comunicado trouxe alterações sutis, sinalizando que a flexibilização monetária está entrando em sua fase final. Isso fica evidente ao notar que a mediana dos diretores da instituição estima apenas um corte de 0,25 pp em 2026. Contudo, a distribuição das projeções é bastante ampla, indo desde uma alta de 0,25 pp ao longo do ano que vem (opinião de 3 executivos) até um corte acumulado de 1,50 pp em 2026 (opinião de apenas um executivo). Os dados da ferramenta CME apontam que o mercado precifica dois cortes de 0,25 pp no ano que vem, fato que levaria a taxa para o intervalo entre 3,0% e 3,25% aa.

Na China, foram conhecidos os dados da balança comercial de novembro, que apontaram para um superávit recorde de US\$ 1 trilhão no acumulado do ano. As exportações avançaram 5,9% ante nov/24, revertendo a queda de outubro (-1,1%), se beneficiando da conclusão das negociações entre Xi Jinping e Donald Trump. Já as importações subiram 1,9%, registrando apenas uma leve aceleração ante o mês anterior (+1,0%), mantendo as dúvidas dos investidores sobre a força da economia chinesa. Neste sentido, os dados de inflação seguem confirmando o ambiente de baixo dinamismo da demanda doméstica do país, com o CPI fechando novembro com alta de apenas 0,7% nos últimos 12 meses.

Quadro 8: EUA – Fed Funds  
Em % aa



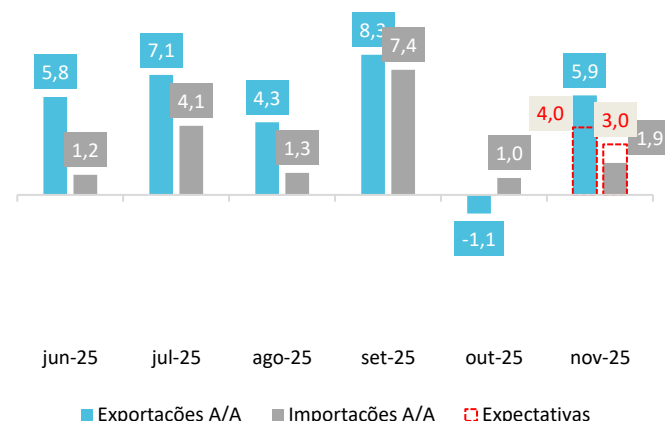
Fonte: Bloomberg. \*CME Group

Quadro 9: Fed – Projeções Macroeconômicas

	Projeção dez/25			Diferença ante set/25 (p.p.)		
	2025	2026	2027	2025	2026	2027
<b>Taxa de Juros</b> (% aa)	3,6	3,4	3,1	0,0	0,0	0,0
<b>Inflação (Núcleo do PCE)</b> (Var. % a/a)	3,0	2,5	2,1	-0,1	-0,1	0,0
<b>PIB real</b> (Var. % a/a)	1,7	2,3	2,0	+0,1	+0,5	+0,1
<b>Taxa de desemprego</b> (%)	4,5	4,4	4,2	0,0	0,0	-0,1

Fonte: Summary of Economic Projections

Quadro 10: China – Exportações e Importações  
Var. % ante o mesmo mês do ano anterior



Fonte: Bloomberg

## Prêmio Anpec Febraban de Economia Bancária

## CRÉDITO / BANCOS

A Febraban premiará, durante o 53º Encontro Nacional de Economia promovido pela Associação Nacional de Centros de Pós-Graduação em Economia (Anpec), que será realizado na cidade de São Paulo entre os dias 16 e 19 de dezembro, os vencedores da 17ª edição do Prêmio de Economia Bancária, realizada em parceria pelas duas instituições.

Na Categoria A, que premia artigos acadêmicos, o vencedor é o trabalho: *Competing for Loan Informal Seniority: Theory and Evidence*, dos autores Bernardo Ricca (Insper), Arthur Taburet (Duke University) e Theo Martins (BCB). O trabalho analisa o pagamento de cartões de crédito por indivíduos que possuem vários cartões. O estudo aponta que, a inadimplência cresce com o número de cartões, e, quando os indivíduos estão com dificuldade de pagamento, normalmente priorizam o pagamento em algumas instituições. Em geral, naquelas em que possui maior limite ou cuja instituição o cliente também utiliza outros produtos financeiros. Dado este fato, o trabalho mostra que, leis de falência que impõe a mesma taxa de recuperação para todos créditos sem colateral podem reduzir o bem-estar da sociedade.

Ainda na Categoria A, em segundo lugar, ficou o trabalho “*Asymmetric Monetary Pass-Through and Bank Spread in Brazil: Evidence from a Bayesian DSGE with Banking Sector*”, de autoria de Carlos Gilbert Conte Filho (UFRGS). O artigo analisa a decomposição da variação do spread bancário, dado um choque de política monetária no Brasil. O estudo segmenta o spread bancário em 3 grupos: inadimplência, risco idiossincrático/poder de mercado e custos de financiamento/compulsório. O trabalho traz evidências de que os principais fatores para variação do spread bancário são os riscos de inadimplência e idiossincráticos, responsáveis por 72% da variação do spread bancário.

Na Categoria B, de teses e dissertações, por deliberação da banca, não houve vencedor.

A banca avaliadora dos trabalhos que concorreram ao Prêmio deste ano foi composta pelos seguintes professores:

- Marcelo Fernandes (FGV-EESP)
- Marcelo Righi (UFRGS)
- Marcelo Eduardo Alves da Silva (UFPE)

O link a seguir direciona para a página oficial da Febraban sobre o Prêmio de Economia Bancária, onde estão disponíveis os trabalhos vencedores: [Prêmio Anpec-Febraban de Economia Bancária](#)



## MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2025				2026			
	12/12/25	05/12/25	14/11/25	Viés	12/12/25	05/12/25	14/11/25	Viés
IPCA (%)	4,36	4,40	4,46	▼	4,10	4,16	4,20	▼
PIB (% de crescimento)	2,25	2,25	2,16	↔	1,80	1,80	1,78	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	-	15,00	15,00		12,13	12,25	12,25	▼
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,40	5,40	5,40	↔	5,50	5,50	5,50	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	12/12/25	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
<b>NACIONAL</b>					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,42	-0,65%	1,51%	-12,34%	-9,71%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	136,48	-5,03%	-3,72%	-36,52%	-18,68%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,90	0,02%	0,03%	20,96%	22,22%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,70	-1,56%	0,01%	-11,08%	-6,11%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,30	-1,29%	2,49%	-14,74%	-5,26%
Índice Ibovespa (em pontos)	160.585,69	2,04%	0,95%	33,51%	27,41%
IFNC (setor financeiro)	17.423,01	3,10%	-1,16%	47,28%	41,02%
<b>INTERNACIONAL</b>					
Fed Funds (% a.a.)	3,75	-6,25%	-6,25%	-16,67%	-21,05%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,53	-0,90%	1,12%	-16,82%	-15,80%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,19	1,42%	4,50%	-7,47%	-3,09%
Dollar Index	98,37	-0,63%	-1,10%	-9,03%	-8,03%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.830,45	-0,58%	-0,27%	15,63%	12,88%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	164,28	3,29%	6,58%	28,71%	24,14%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	127,41	2,88%	5,37%	6,09%	-1,28%
Índice Euro Stoxx 50	5.720,71	-0,06%	0,93%	17,49%	15,21%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	251,27	1,95%	3,27%	72,87%	71,29%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	61,08	-4,19%	-3,35%	-17,89%	-16,80%

Fonte: Bloomberg.

**Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos**  
[economia@febraban.org.br](mailto:economia@febraban.org.br)

Rubens Sardenberg  
 Jayme Alves  
 Luiz Fernando Castelli  
 João Vítor Siqueira  
 Jéssica Silva Martins